

## SIMPÓSIO AT004

### A DINÂMICA DA VARIAÇÃO SEMÂNTICA DO VERBO-SUPORTE *DAR*

PRIA, Albano Dalla  
UNEMAT/PPGL  
adallapria@gmail.com

**Resumo:** Dado que o conceito de “verbo suporte” diz muito pouco sobre o funcionamento do verbo *DAR*, em língua portuguesa, assumimos o objetivo de observar a variação semântica desse verbo dentro de uma dinâmica de contextualizações sucessivas reguladas por uma invariante de base. Esse objetivo foi definido consoante os fundamentos da *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, que propõe a necessária articulação da linguagem com as línguas naturais. Para tanto, a metodologia baseou-se na simulação da prática de construção de significação, que implica a desambiguação de conteúdos, e a formalização de observáveis em famílias parafrásticas. Por fim, observamos que o verbo *DAR* é marcador de alteridade (“externa”) constitutiva que se coloca como obstáculo ao processo de determinação de uma dada representação (por exemplo, o *modo de ser de Maria*) semântica. Além disso, observamos que, em pelo menos três momentos, essa alteridade dialoga com as demais forças em jogo no processo constitutivo do enunciado: primeiro, quando ela se equilibra com as demais forças; segundo, quando ela é superada pela alteridade enquanto o mesmo e, terceiro, quando ela não é superada.

**Palavras-chave:** Verbo-Suporte; Invariância; Construção da Significação.

**Abstract:** As the concept of “support verb” says very little about the functioning of the verb *DAR* in Portuguese, we assumed the objective of observing the semantic variation of this verb within the dynamics of successive contextualization regulated by an invariant of basis. This objective was defined according to the foundations of the *Theory of Predictive and Enunciative Operations*, which proposes the necessary articulation of language with natural languages. Therefore, methodology was based on the simulation of meaning construction in the practice of language, which implies the disambiguation of contents, and the formalization of observables through paraphrastic families. Finally, we observed that the verb *DAR* is marker of the constitutive (“external”) alterity that blocks the determination process of a given semantic representation (e.g., *the Mary’s mode of been*). Furthermore, we observed that in at least three moments, these alterity dialogues with the other forces at play, in the constitutive process of the utterance: first, when it equilibrates with other forces; second, when it is overcome by the alterity as the same, and third, when it is not overcome.

**Keywords:** Support Verb; Invariance; Meaning Construction.

## Introdução

O conceito de “verbo suporte” diz muito pouco sobre o funcionamento do verbo DAR, em língua portuguesa. Dada a impressibilidade que certos usos desse verbo colocam às categorias “clássicas”, dentre as quais, a de “verbo transitivo”, optou-se pela definição do “verbo suporte” como solução para o problema da ambiguidade categorial (pertencer a mais de uma categoria). Pouco se avançou, nesse sentido. Para além da morfologia típica de um verbo (que perfila flexão de tempo, modo, número e pessoa), questiona-se (SCHER 2005; BASÍLIO 2007; NEVES 1999), por exemplo, se outras propriedades, sintáticas (atribuir caso) e semânticas (atribuir papéis temáticos) ainda se mantêm.

Não vemos como sair dos impasses colocados pela “categorização”, de origem lógico-filosófica, como meio de compreensão do funcionamento do empírico, no que diz respeito aos processos de significação em geral, e do verbo DAR, em particular. O fundamento lógico, presente na tradição lógico-gramatical, e em boa parte da linguística, de que só pode ser explicado aquilo que puder ser categorizado, restringe o raciocínio à comparação (ser igual e ser diferente) de propriedades de superfície e às noções restritivas de inclusão, de intersecção e de conjunto. O conceito de *classe* coloca dificuldades para a descrição de fenômenos transcategoriais, porque suprime ou homogeneiza a diversidade de valores efetivos de uma unidade léxico-gramatical. O diálogo entre os valores efetivos de uma unidade e a abstração de processos generalizáveis, sob esse ponto de vista, não se constitui como observável da teorização.

Não vimos outra saída para a compreensão do diálogo entre categorias, senão propor outro caminho para a compreensão do funcionamento das unidades linguísticas, dentre as quais o “verbo suporte” DAR, a começar pela redefinição do objeto de estudo da Linguística, qual seja **a linguagem apreendida através das línguas naturais** (CULIOLI, 1990).

O objetivo deste trabalho, consoante o objetivo da Linguística definido no parágrafo anterior, é observar a variação semântica de DAR dentro de uma dinâmica de sucessivas contextualizações (empírico) reguladas por uma invariante de base (formal). Para tanto, a metodologia empregada foi a simulação da prática de construção de significação, que implica a desambiguação de conteúdos, e a formalização de observáveis em família parafrástica.

## 1. A linguagem: uma prática de apropriação e de construção de símbolos

O objetivo deste trabalho está fundamentado pela *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas* (CULIOLI, 1990). Segundo Culioli (1990), linguagem e línguas, em vez de articuladas, têm sua relação marginalizada pela Linguística. Com efeito, a pesquisa linguística tem operado ou segundo um raciocínio dedutivo, prevalecendo a teoria da linguagem sobre a das línguas, ou segundo um raciocínio indutivo, prevalecendo uma teoria das línguas sobre a da linguagem. Ao definir a linguagem como a atividade de construção de representação, referenciação e regulação e as línguas naturais como vestígios de representações cognitivas e agenciamento de marcadores de operações enunciativas, Culioli (1990) não só tocou na questão da relação entre a linguagem e as línguas, como também o fez Benveniste, mas propôs um programa de trabalho que as articula. De outro modo, boa parte das teorias linguísticas permanece formulando uma metalinguagem – um modelo teórico alheio à especificidade das línguas – para, só depois, fazer observações sobre fatos empíricos “muitas vezes considerado[s] um simples suporte transparente e inerte” (CULIOLI, 1999, p. 7).

A linguagem, enquanto atividade, remete ao trabalho dos sujeitos para posicionar (fr. *répérer*) raciocínios subjacentes (invariantes) num espaço referencial através de “formas que *marcam* e constroem sua presença, formas que *traçam* a atividade dos sujeitos (sob a ótica que essas formas lhes

conferem)” (VOGÜÉ, FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p. 11 – grifos do original).

Se, por um lado, trata-se de uma *hexis*, no sentido que lhe davam os estóicos de “disposição permanente adquirida” (DUCARD, 2006, p. 15) para a construção de raciocínios conjecturais, a capacidade humana de se **apropriar** de um plano de significação mais profundo (invariantes de processo ou de uma forma construtora) do que aquele dos valores estabilizados na superfície do enunciado, por outro lado, trata-se de uma *hexis hodopoiétikè* (DUCARD, 2006, p. 15) a disposição humana para **construir** símbolos segundo raciocínios conjecturais. Em suma, trata-se de uma disposição prática, mas que em nada se confunde com o sentido de técnica (cf. *technè* enquanto “aplicação da teoria” e enquanto “modo de fazer”, em Aristóteles). Por fim, a linguagem enquanto prática não pode ser reduzida a um modelo idealmente estático de relações previsíveis e dissociadas do trabalho dos sujeitos.

## 2. A dinâmica da variação semântica de DAR

Começemos por estabelecer quatro definições: primeira, entenda-se por “semântica” a prática de construção de conteúdo em situações particulares, e não a “descrição de significados”; segunda, entenda-se por “variação” os deslocamentos de ângulos perceptivos, na construção de uma dada representação, que implicam ajustamentos da relação forma/conteúdo; terceira, entenda-se por “representação” construtos teóricos que remetem a *noções semânticas* (CULIOLI, 1990, p. 67-81), e, quarta, entenda-se por “dinâmica” a análise que articula a natureza esquemática e indeterminada da linguagem com quadros concretos dados por situações particulares de prática de linguagem.

No processo constitutivo do enunciado, a ocorrência de uma dada noção liga-se a outras ocorrências dessa mesma noção, delimitando-se, assim, um domínio de significação. Trata-se de um espaço abstrato, comparável a um espaço topológico, no qual as ocorrências de uma dada noção semântica se

distribuem em relação a um Interior, um Exterior e uma Fronteira. Cada ocorrência é um ponto, dentre outros, relativo a um centro organizador, dado por uma ocorrência típica da noção, que se encontra no Interior do domínio.

Na análise que fazemos da significação do enunciado como construto da atividade de linguagem, toda trajetória singular de uma dada representação (em construção) articula-se com outros domínios de significação. Na sequência, observaremos como as ocorrências (enunciados de (1) a (7)) de uma dada noção semântica se articulam com o desejo de alguém de que alguma coisa deixe de ser/existir de um certo modo.

(1) *Pedro deu uma olhada na Maria. Meu Deus, quanto ódio! Se eu fosse a Maria, eu sumia, mas ela não percebeu nada.*

(2) *Pedro deu uma olhada na Maria. Meu Deus, quanto ódio! Na hora, ela percebeu e ficou vermelha de tanta vergonha;*

(3) *Pedro deu uma olhada na Maria. Meu Deus, quanto ódio! Na hora, ela o deve ter ignorado, mas não deve ter resistido ao desejo de revide. (orientação ao interior);*

(4) *Pedro deu uma olhada na Maria. Meu Deus, quanto ódio! Na hora, ela percebeu e o ignorou, apesar do claro desejo de revide em seus olhos. (orientação ao exterior).*

(5) *Pedro deu uma senhora olhada na Maria. Meu Deus, quanto ódio!*

(6) *Pedro deu uma olhada e tanto na Maria. Meu Deus, quanto ódio!*

(7) *Que olhada foi aquela que Pedro deu na Maria! Meu Deus, quanto ódio!*

No Interior (enunciado (1)) do domínio estão localizadas as ocorrências de equilíbrio do gesto de ódio de alguém, que caminha numa certa direção; no Exterior (enunciado (2)), encontram-se as ocorrências de superação do obstáculo colocado pela alteridade constitutiva e, na Fronteira (enunciados (3) e (4)), encontram-se as ocorrências que ficam entre o interior e o exterior.

O enunciado (1) busca dar forma, por um lado, a certas noções semânticas, dentre as quais *o modo de ser de Maria*, e, por outro lado, ao desejo de alguém de que alguma coisa deixe de ser/existir de um certo modo. “Olhada” não só visa instanciar (“dar corpo”) um gesto de ódio, mas também orienta esse ódio na direção de um “odiador” para um odiado.

Acrescente-se, ainda, que uma mesma invariante, a saber, *que alguma coisa olhada por alguém deixe de ser/existir*, sustenta os enunciados de (1) a (7). Observe-se que “Senhora” (enunciado (5)) é marcador da identificação de “olhada” com uma ocorrência típica do gesto de ódio de alguém por alguém. “E tanto” (enunciado (6)) é marcador da identificação de “olhada” com outras ocorrências do mesmo tipo. “Que” (enunciado (7)) é marcador da trajetória da representação na direção do alto grau (*Que olhada!*).

DAR é marcador de alteridade “externa” ao gesto de ódio de alguém *por alguém (que é outro)*. No entanto, ela se torna constitutiva desse gesto, num plano superior através do diálogo com as demais forças em jogo no enunciado, em particular com *o modo de ser de Maria*, e se determina como alteridades “internas” (*Pedro e Maria*). Só podemos continuar sustentando que se trata de uma instância “externa”, sob pena de torná-la invisível à teorização, se não considerarmos que, na passagem de um nível inferior a outro superior, o nível das propriedades transformadas, a alteridade “externa” é apreendida como constitutiva do gesto de ódio de alguém. Em suma, além de marcador de alteridade constitutiva, o verbo DAR, também marca um valor desfavorável, um bloqueio, ao gesto de ódio de alguém.

No processo constitutivo do enunciado, observaremos, ao menos três momentos do diálogo da alteridade constitutiva com o gesto de ódio de alguém. Primeiro, observaremos a equilibração da alteridade constitutiva com as demais forças em jogo no enunciado. A equilibração (enunciado (1)) é um ponto do processo constitutivo do enunciado estabilizado por marcas assertivas (*se ... fosse; sumia; mas; não percebeu*), em que alteridades internas ao gesto estão questionando o obstáculo colocado pela alteridade constitutiva, que impediria a representação de caminhar para *Maria de outro modo*. Se, por um lado, a representação visada é *Maria de outro modo*, por outro lado, a representação estabilizada é *Maria de um certo modo*. A indeterminação das relações de alteridade, que não se hierarquizam, equilibra o processo. A hierarquização das relações de alteridade e a superação do bloqueio ao gesto

de ódio de alguém colocado pela alteridade constitutiva são condição para a instanciação do termo “olhada” pelo gesto de ódio de alguém.

Segundo, observaremos a alteridade constitutiva (o bloqueio por ela colocado) é superada pela alteridade enquanto o mesmo (o ódio de outro que se constitui no enunciado como o ódio do mesmo (que é *Pedro*). Num dado ponto do processo constitutivo do enunciado, a alteridade constitutiva é superada pela alteridade enquanto o mesmo (enunciado (2)). Essa superação, ligada à desequilibração do processo, em razão das forças em jogo no enunciado, abre caminho à encarnação do termo “olhada” pelo gesto de ódio de alguém. Superado o bloqueio ao gesto de ódio de alguém, determinando-se “olhada” como o nome de um gesto de ódio e se obtém *Maria de outro modo*. “Na Maria” é o localizador (da construção) do termo “olhada”, num plano inferior (de determinação), dentro de uma dinâmica de interação entre os termos “na Maria” e “olhada”. Num plano superior, no entanto, “na Maria” é um termo especificado por “olhada” agora encarnado pelo gesto de ódio de alguém *por alguém (que é outro)*, mas que se constitui, no enunciado, como o mesmo (*Pedro*). Superada a interdição, a representação se determina como *Maria de outro modo (vermelha de tanta vergonha)*.

Num terceiro ponto do processo constitutivo do enunciado, as forças em jogo dialogam com a alteridade constitutiva, mas não a superam (enunciado (4)). Por um lado, a superação do obstáculo colocado pela alteridade constitutiva favorece a encarnação do termo “olhada” pelo gesto de ódio que, confirmado por marcas de asserção, estabiliza a representação como *Maria de outro modo*. Por outro lado, a não superação dificulta tanto a encarnação do termo “olhada” pelo gesto de ódio quanto a obtenção da representação visada (*Maria de outro modo*) no plano superior. No entanto, a eventual superação passa a intuição da instanciação do gesto de ódio, que aponta para a *Maria de outro modo*, mas as marcas de asserção a teriam de ratificar. Com efeito, a superação não assegurada (um tipo de não superação), combinada com marcas de modalidade da dúvida, embora não se estabilize a representação de todo como *Maria de outro modo*, também não garante que não se estabilize

essa nada desse modo. Enquanto localizador de “olhada”, “na Maria” passa a intuição de existência de representação, isto é, passa a intuição de existência de uma memória enunciativa antecipada (*Maria de outro modo*) quanto à estabilidade do termo, mas a modalidade da dúvida (*deve ter ignorado e não deve ter resistido*) remete à instabilidade e lança, para uma situação enunciativa futura, a confirmação sobre a existência da representação.

### 3. Considerações finais

Neste trabalho, abandonamos os impasses colocados pelo conceito aristotélico de *classe* à descrição de fenômenos transcategoriais e assumimos outro caminho, que articula a linguagem com as línguas naturais. Com efeito, articulamos uma invariante de base com diferentes contextualizações do verbo-suporte DAR e, tendo empregado uma metodologia própria à observação da atividade de linguagem, produzimos observações do funcionamento de DAR sem desprezar a sua especificidade.

### Referências

- BASILIO, Margarida. Construções morfológicas e construções lexicais: expressões V SN com DAR e FAZER. In: **Anais do CLUERJ - SG**, São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, Antoine. Préface. In: FISHER, S. **Énonciation**. Manières et territoires. Paris: Ophrys, 1999, v. V, p. 7-8.
- DUCARD, Dominique. Seuil, passages, sauts. In: DUCARD, D.; NORMAND, C. (Orgs.) **Antoine Culioli**: um homem dans le langage. Paris: Ophrys, 2006, v. V, p. 13-18.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A delimitação de unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. **Palavra**, v. 1, p. 98-114, 1999.
- SCHER, Ana Paula. As construções com o verbo leve dar e as nominalizações em -ada no português do Brasil. **Sínteses**, v. 10, p. 509-522, 2005.
- VOGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. (Orgs.) **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.